RUÍNAS ENQUANTO TEMPO PRODUTIVO

ou Das sobrevivências enquanto potências no espaço

Maria Isabel Rocha (Unicamp)

Milene Migliano (UFRB)

RESUMO GERAL

A proposta desta sessão livre é pensar sobre o que se cria pelos processos de arruinamento que sofrem desde os ambientes urbanos às subjetividades minoritárias, a partir da experiência urbana em três capitais brasileiras: Salvador, Rio de Janeiro e Vitória. Escolhemos por começar tematizando as sobrevivências (DIDI-HUBERMAN, 2009), dando sul no modo como propomos as reflexões, do que havia antes para o que pode vir a ser inventado e apropriado pelas comunidades do entorno das ruínas.

A potência do tempo em ação sobre o construído na produção da ruína, pode ser apresentada considerando o *gif* animado da página deste evento, no qual uma planta trepa na escada. A ruína produzida pelo tempo vale-se do desuso da escada como artefato humano, o que nos leva a lembrar da noção de ruína trabalhada por Simmel, indicando um retorno do espírito humano à natureza, ou uma entrega "às correntes e forças que vêm de todas as direções da realidade" (SIMMEL, 1998, p. 144). A corrente de sua atribuição anterior, a de um equipamento utilizado para pessoas subirem, passa a ser atualizado pela planta, depois pelo artista gráfico que a captura e ali a detém, naquela imagem.

Ultrapassando a negatividade da mera decadência, uma sessão livre com o tema Ruínas, procura entendê-las como lugares onde se encontram as condições de possibilidade para o desenrolar (rememorar, acontecer) de outras histórias e expressões culturais. Outras formas de vida. Desta forma, partimos da ideia de trabalhar com diversas rememorações a respeito de ruínas.

Segundo a Teoria da Restauração de Cesare Brandi (2004), ruína seria "o resíduo de um momento histórico ou artístico que só pode permanecer aquilo que é" (p. 67), enfatizando assim que ela pode ser conservada mas não deve ser restaurada, no sentido de receber um novo acabamento. Por outro viés, se consideramos a ruína como o estado de um processo, percebemos quão ilusória é a ideia de conservá-la o que é, pois seria a tentativa de captura e congelamento de um espaço-tempo, implicando no seu isolamento da vida ao redor. Assim, procuramos antes tensionar essa afirmativa aproximando-nos de outra acepção de ruína, coerente com a imanência da vida em processo. Retomando Simmel, "A ruína da obra

ISSN: 1984-8781 - Código verificador: kBa3g9JWWHWa

arquitetônica significa que naquelas partes destruídas e desaparecidas da obra de arte, outras forças e formas – aquelas da natureza – cresceram e constituíram uma nova totalidade, uma unidade característica, a partir do que de arte *ainda* vive nela e do que de natureza *já* vive nela." (SIMMEL, 1998, p. 144, grifos nossos) É no *ainda* e no *já* grifados que encontramos a expressão, não só do tempo, mas da noção de processo nunca concluso.

Quando pensamos Ruínas, não se trata somente do tema da nossa sessão, mas pensamos também na relação com o tema central do XVIII ENANPUR, "TEMPOS em/de TRANSFORMAÇÃO - UTOPIAS" e, para pensar nessa transformação das coisas construídas (em que se inclui a cidade), nos valemos da noção de ruínas e, sobretudo, das memórias de ruínas e das ruínas de memórias. Colocando na/sobre a mesa os nossos fragmentos de memórias em contato com as outras narrativas trazidas pelas convidadas, construiremos um emaranhado de memórias e narrativas, cuja potência será a de provocar o questionamento e, quiçá, a fissura das memórias e narrativas hegemônicas. Estas últimas têm sido sempre restauradas [para usar um termo do dispositivo patrimonial] para conter [no sentido de limitar] o imaginário e a diversidade memorial de um povo.

"Ele gostaria de deter-se para acordar os mortos e juntar os fragmentos." (BENJAMIN, 1987). Se "ele" no texto de Walter Benjamin se refere ao "anjo da história", o que dizer dos outros anjos, outras subjetividades, em ruínas? Quantos *Angelus Novus* (*novi angeli*) devem ser incendiados e/ou arruinados para ceder lugar a uma velha ideia de progresso [descendente do velho paradigma capital-falo-eurocêntrico]? Com estas e outras questões, estaremos buscando lampejos – políticos, poéticos, estéticos – e histórias à contra-pelo, e construindo outras cidades imaginadas entre lutas, resistências, recriações ou simplesmente re(a)presentações de experiências que sofreram tentativas de serem silenciadas.

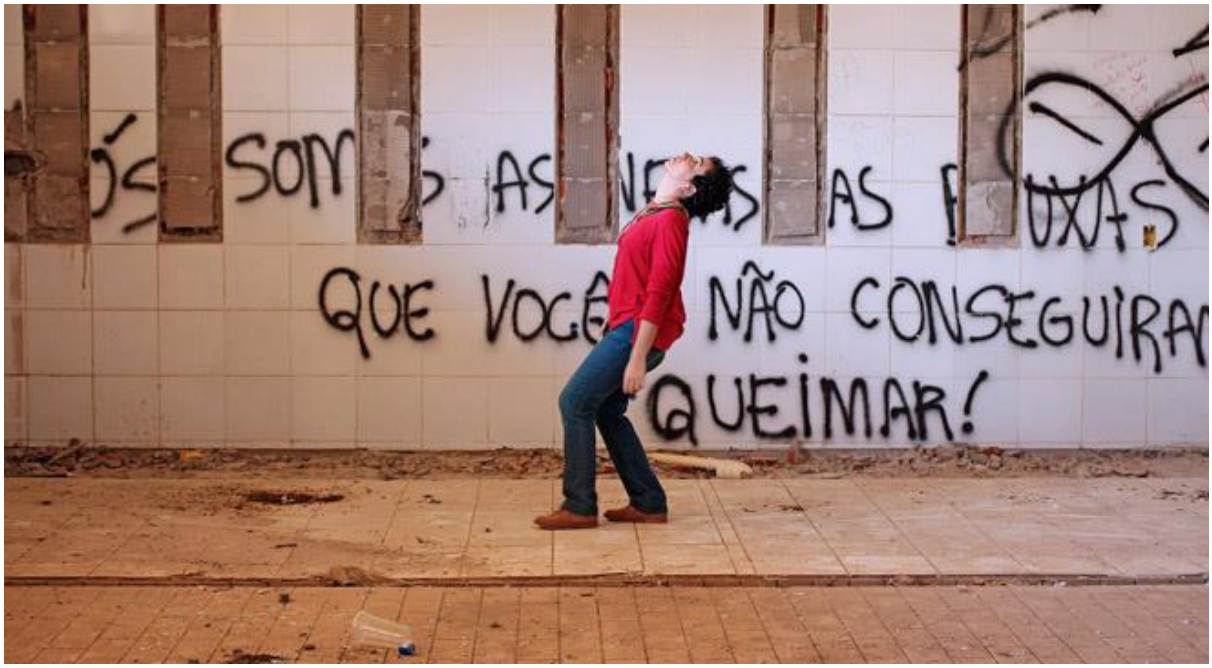

Figura: no caminho de uma "andança guiada".
Fonte: https://www.unicamp.br/unicamp/noticias/2018/10/01/pesquisa-investiga-o-caminhar-na-cidade

ISSN: 1984-8781 - Código verificador: kBa3g9JWWHWa

Silenciadas como pelos epistemicídios do estabelecimento da modernidade, criando ruínas que não foram "abandonadas à natureza" e sim, produzidas por violências imensas na duração e em processos que ainda não foram epistemologicamente revertidos: a “santa” inquisição da Igreja Católica, queimando mulheres consideradas bruxas, sendo que eram curandeiras, rezadeiras, toda uma rede de apoio medicinal para uma população à época; a escravização dos povos Africanos impedindo a vida e diversidade cultural de existências, saberes, tradições e relações arruinadas naquele território; possibilitando a construção de relações de racismo estrutural também nos territórios a que foram enviados como escravos, como o Brasil; o genocídio dos povos originários nas Américas, Ásia, Oceania e África, fazendo desaparecer modos de vida já inexistentes; e a (re)conquista do império mouro da península ibérica, seguindo Grosfoguel (2016) – processos que se estabeleceram durante pelo menos 400 anos e que nos permitem compreender o projeto de mundo que produz ruínas sistematicamente, seja materialmente ou simbolicamente.

Destas últimas, fazem parte as ruínas imateriais, aquelas que tem abrigo nos sonhos e literaturas. “Tem noites que sonho passar por lugares que não existem mais. Do lado do Colégio Santa Maria, onde hoje é um banco, em meados dos anos 1960, havia uma gráfica. Ainda ouço as máquinas. Ruínas de sons, ruínas de lembranças." (LEMINSKI, 2012, p. 171) E aqui ruínas se confundem com ruídos, de usos que cederam lugar ou foram silenciados para que se ouça o barulho de outros valores. Alguns ruídos se fazem tão intensos que silenciam ruídos menores. O poema de Marília Garcia, remonta...

talvez a gente pudesse fazer silêncio
e de repente neste silêncio
acontecer de *ouvir algo por detrás*
dos ruídos das máquinas voadoras que
cruzam o céu.

talvez não desse para ouvir as máquinas voadoras
neste dia,
foi o que pensei,
mas eu me enganei
porque hoje
desde cedo
os helicópteros estão voando.

– vocês estão ouvindo?
um som infernal
estrelas caindo do céu
em cima da cabeça
com as pontas viradas
para baixo.

o som está cada vez mais perto,
posso encostar a mão
se me viro vejo a sombra
em câmera lenta
sobre a cabeça.

ISSN: 1984-8781 - Código verificador: kBa3g9JWWHWa

imaginem que isso aqui é um quadrado
com *drones* volantes,
ou uma cena congelada
com o céu cheio de zepelins,
mas o som é um só:
barulho de máquinas
voadoras
pelo céu.

se a gente prestar atenção e fizer silêncio
– se a gente prestar atenção e fizer
silêncio –
pode ser que ouça
alguma mensagem
perdida no ar.

(GARCIA, 2017, p. 12-13.)

Referências citadas

AGAMBEN, Giorgio. *Profanações.* São Paulo: Boitempo, 2007.

BENJAMIN, Walter. *Magia, técnica, arte e política*: ensaio sobre literatura e história da cultura. 3a ed São Paulo, SP: Brasiliense, 1987.

BRANDI, Cesare. *Teoria da restauração.* Cotia, SP: Ateliê, 2004.

DIDI-HUBERMAN, Georges. *Sobrevivência dos vaga-lumes.* Tradução de Vera Casa Nova, Márcia Arbex. Belo Horizonte, MG: Editora da UFMG, 2009.

GARCIA, Marília. *Câmera lenta*: Poemas. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

GROSFOGUEL, Ramón. *A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI.* Revista Estado e Sociedade, vol. 31, n.1, janeiro/abril 2016.

LEMINSKI, Paulo. *Ensaios e anseios crípticos*. 2. ed. ampl. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2012.

SANTOS, Boaventura de Sousa, MENESES, Maria Paula. *Epistemologias del Sur.* Mexico: Siglo XXI, 2010.

SIMMEL, Georg. A ruína. In.: *Simmel e a modernidade.* Jessé Souza, Berthold Oelze (orgs.). Brasília, DF: UnB, p. 137-144, 1998.

ISSN: 1984-8781 - Código verificador: **kBa3g9JWWHWa**

Da natureza humana profanatória
ou Ruídos de gente na cidade em ruínas

Maria Isabel Rocha (Unicamp)

Partimos da experiência vivida em Salvador, observando como os usos dos espaços urbanos centrais trazem em si a potência do arruinamento, entendido aqui como condição para mantê-los em vida. Desejamos aproximar ruína – como objeto do arruinamento, ou seja, em transformação – da ideia de profanação da obra construída, que pode ser a arquitetura, a cidade, os monumentos e mesmo as histórias. A profanação como "restituição ao livre uso dos homens" (AGAMBEN, 2007, p.65) traz a ação humana, o uso, como força da natureza que arruína o destino "sagrado" das coisas. Nesse sentido, os usos cotidianos na/da Avenida Sete de Setembro se mostram potentes ruídos profanadores, além de rememorarem outros usos do espaço antes negados. Assim também, o (anti)espetáculo Ruína de Anjos[1] levou às ruas do centro (inclusive à Avenida Sete), histórias de personagens que se apropriam de práticas amplamente exploradas pelo espetáculo midiático, como o futebol e o carnaval, trazendo-as de volta ao chão da vida cotidiana, e misturando-as a outros usos mais banais (mas nem por isso menos espetaculares) como a do vendedor ambulante ou do pregador religioso.

As ruínas e os epistemicídios para um projeto de mundo

Milene Migliano (UFRB)

A compreensão dos quatro epistemicídios que possibilitaram o domínio capitalista originalmente euro-centrado (inquisição, escravidão do povo negro, genocídio dos povos originários e expulsão dos muçulmanos da Europa) nos permitem analisar criticamente o projeto de mundo que produz ruínas, simbólicas, materiais. "O capitalismo global, mais que um modo de produção, é hoje um regime cultural e civilizacional" (SANTOS; MENESES, p.12). O Arquivo Público da Cidade de Salvador durante a 3a Bienal de Arte da Bahia, em 2014, mostrou que a história da Quinta[2] se mescla com a narrada pela exposição que se apropriou das atividades do Arquivo e foi montada com o uso de algumas peças do museu Estácio de Lima, antigo Nina Rodrigues (do Instituto Médico Legal Nina Rodrigues), compondo as instalações artísticas. O conjunto sensível nos indaga sobre o sentido/sentimento e a vivência/experiência da marginalidade em Salvador, e Brasil, e o uso/história daquele tempo/espaço na cidade. Como essas subjetividades marginalizadas - como a do cangaceiro, a da candomblecista, a do capoeirista - se (re)inventam e (sobre)vivem no imaginário e no espaço urbano? Como são apropriados/capturados (ou negados?) pelo discurso que se hegemoniza? Que situação de espaço público é essa?

[1] A intervenção urbana cênica d'A Outra Cia. de Teatro pelas ruas do Politeama, no entorno da sede da companhia.

[2] Construída por jesuítas no XVI, arquivo desde os anos 80.

ISSN: 1984-8781 - Código verificador: kBa3g9JWWHWa

Ações urbanas do *outro,*
ou contra as Ruínas da cidade em construção.

Renata Braga Neves (UFPE)

Construção e ruína guardam alguma ambivalência. No verso de Caetano Veloso é aquilo que anuncia ou encerra algo: "parece que ainda é construção, mas já é ruína". A ruína enquanto potência transforma as questões de progresso e desejo de memória. Não há construção sem lacuna, narrativa sem fantasia, memória sem esquecimento. Em metrópoles do presente, vemos manifestações de um futuro latente: zonas em reordenação. O acolhimento seletivo de diretrizes voltado para ganho imediato de capital desemboca nestes cenários, certa decadência projetada que deriva da incapacidade de conciliar aquilo que permanece prefigurado na estrutura social. Como contraponto, a possibilidade de intervenções urbanas - projetuais e artísticas - configuradas num urbanismo minoritário: máquina política e experimental capaz de transformações positivas no plano material e das subjetividades, elaboradas nas dobras daquilo que o tempo acelerado da produção urbana faz silenciar. Ante a narrativa desenvolvimentista de grande escopo, uma elaboração permanente diante de sucessivas rotações de perspectiva que, se negligenciadas, falseiam o futuro, suprimem o imaginário e a diversidade memorial produtora de lampejos políticos. Pretende-se refletir aqui, as ruínas sobre ações na cidade como experimentos que contemplem um *outro* irredutível, em construção contínua, capaz de produzir formas incessantes de ver e sentir o urbano.

Entre árvores e esquecimentos?

Camila Benezath Rodrigues Ferraz (UFBA)

Criam-se ruínas para justificar ações e políticas urbanas, desde as reformulações urbanas das primeiras décadas do século XX ao movimento atual de retorno aos centros das cidades, como vemos em Vitória, Espírito Santo. No primeiro caso, condições sanitárias justificaram a demolição de edificações atestadas como ruínas. Tais edificações se apresentavam, por sua localização ou características estéticas, dissonantes da imagem de progresso almejada para as cidades nos primeiros anos da república brasileira. No segundo caso, paira um consenso de que o centro é a área mais degradada e vazia da cidade, a qual só resta a imagem de lugar capaz de preservar a memória de seus habitantes e garantir sua identidade cultural. Apoiados neste discurso, programas e políticas públicas de revitalização são desenvolvidos, priorizando a restauração de imóveis identificados como de interesse de preservação. Imóveis que, em sua maioria, simbolizam o "progresso" alcançado pelas reformas urbanas mencionadas anteriormente. Por outro lado e ao mesmo tempo, nesta área da cidade que se quer acreditar em ruínas, abandonada e aparentemente deixada entre árvores e esquecimentos, abrem-se brechas que suscitam fabulações e revelam a existência de outras narrativas e maneiras de se relacionar com a cidade. É sobre esses três aspectos que nos lançaremos.

ISSN: 1984-8781 - Código verificador: kBa3g9JWWHWa

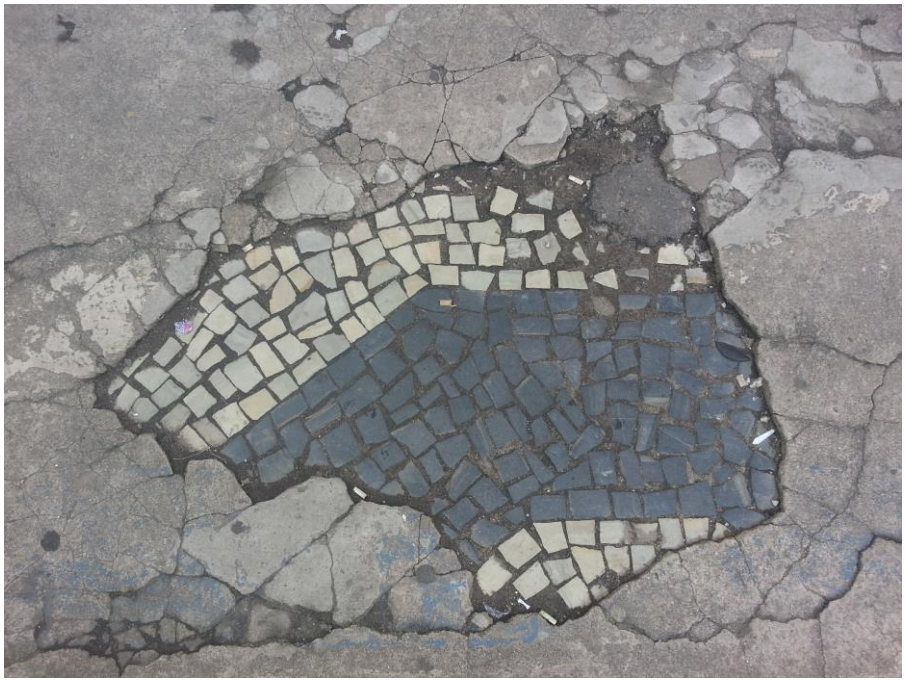

Figura: Calçada da Avenida Jerônimo Monteiro, Vitória (ES).
Fonte: Fotografia da Camila Benezath, 2017.

Entre ruínas, "supravivências"

Carlos Henrique Magalhães de Lima (UnB)

Rio de Janeiro, Armazéns do Porto, madrugada. Portões de aço escondem o jogo de pernada dos *capoeiras*, fugitivos da legalidade cobrada nas ruas. “Supraviventes” do colonialismo - tal como proposto por Luiz Antonio Simas -, estes negros cruzaram a condição escravizada e atravessaram a modernidade, entre políticas e racionalidades do Ocidente Civilizado. Hoje, negros que antes precisavam se esconder estão despejados nas ruas. O cenário presente contrasta com o que se imaginou construir sobre os escombros arruinados dos Armazéns: uma cidade conciliada refeita por meio de grandes saltos, centrados em práticas urbanas de cunho hegemonista. Neste projeto, às coxas duras escuras é deixado o papel de massa trabalhadora, corpos entranhados nas ruínas da cidade em construção. Ultrapassando a negatividade da decadência que se apresenta neste contexto, propõe-se re(a)apresentar as diversas experiências negras que sofreram tentativas de silenciamento, considerando-as num emaranhado de memórias e narrativas historiográficas, fílmicas e literárias concebidas aqui como antinomia potente ao planejamento civilizador. Seguindo os rastros dos “supraviventes”, das feituras de mundo centradas nas múltiplas formas de troca, adentramos uma cidade imaginada por meios dos signos que permitem reinventá-la no transe: nos sentidos que afrontam a ordem material do presente em andamento.

ISSN: 1984-8781 - Código verificador: kBa3g9JWWHWa